

Êlhér!

N.º 1

Revista Cultural de Montalvão

Agosto 2022



Carlos Neto de Carvalho · Francisco Henriques · João Caninas
João Fidalgo · Mário Varela Gomes · Jorge de Oliveira
Jorge Rosa · Ana Fraústo Morão · João dos Remédios Ambrósio
João da Costa · Carlos Lucas Silva

Índice

- 3 **Editorial**

- 6 **Montalvão de Geodiversidade e Paisagem Milenar por Valorizar**
Carlos Neto de Carvalho, Francisco Henriques, João Caninas

- 14 **Povoados, Montalvão**
João Fidalgo

- 26 **A Arte Rupestre do Vale do Tejo, na Freguesia de Montalvão**
Mário Varela Gomes

- 40 **As Antas da Freguesia de Montalvão**
Jorge de Oliveira

- 58 **O Foral de Montalvão**
Jorge Rosa

- 62 **João de Torres, Contrabandista de Montalvão e o Primeiro Cigano do Brasil**
Jorge Rosa

- 64 **O que Vestiam as Gentes de Montalvão**
Ana Fraústio Morão

- 82 **Montalvão, a “Capital” dos Muros Apiários**
João Fidalgo

- 94 **Poemas do Ti Póquito**
João dos Remédios Ambrósio

- 98 **Da Relação Familiar ao Artesanato**
João da Costa

- 108 **Poemas**
Carlos Lucas Silva

Êlhér!

N.º 1
Agosto 2022

Director e Editor
João Fidalgo

Design Gráfico
Margarida Vilhena

Revisão
João Fidalgo
José Carlos Gonçalves

Ilustrações
Capa e retratos de autores: João Fidalgo
Artigos: Margarida Vilhena

Tipografia
Lyon (Commercial Type)
Strawford (Atipo Foundry)

Tiragem
300 exemplares

Depósito Legal
502493/22

ISSN
2795-5672

© Êlhér e autores

Agradecemos o apoio que, nesta edição, nos foi prestado por todos os participantes e Autores deste primeiro número da revista, que acreditando no projecto, generosamente se prontificaram a participar, mas também, à Direcção Regional de Cultura do Alentejo, ao Museu Nacional de Arqueologia, à Associação de Estudos do Alto Tejo, ao Prof. Jorge de Oliveira, ao Luís Mário Bento, à Joana Salomé Rodrigues, ao José Carlos Gonçalves, e a todos que de forma mais directa ou indirecta, apoiaram e ajudaram a que este projecto se realizasse, muito obrigado!

O acordo ortográfico seguido é opção dos autores dos textos.

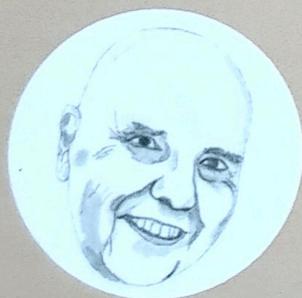
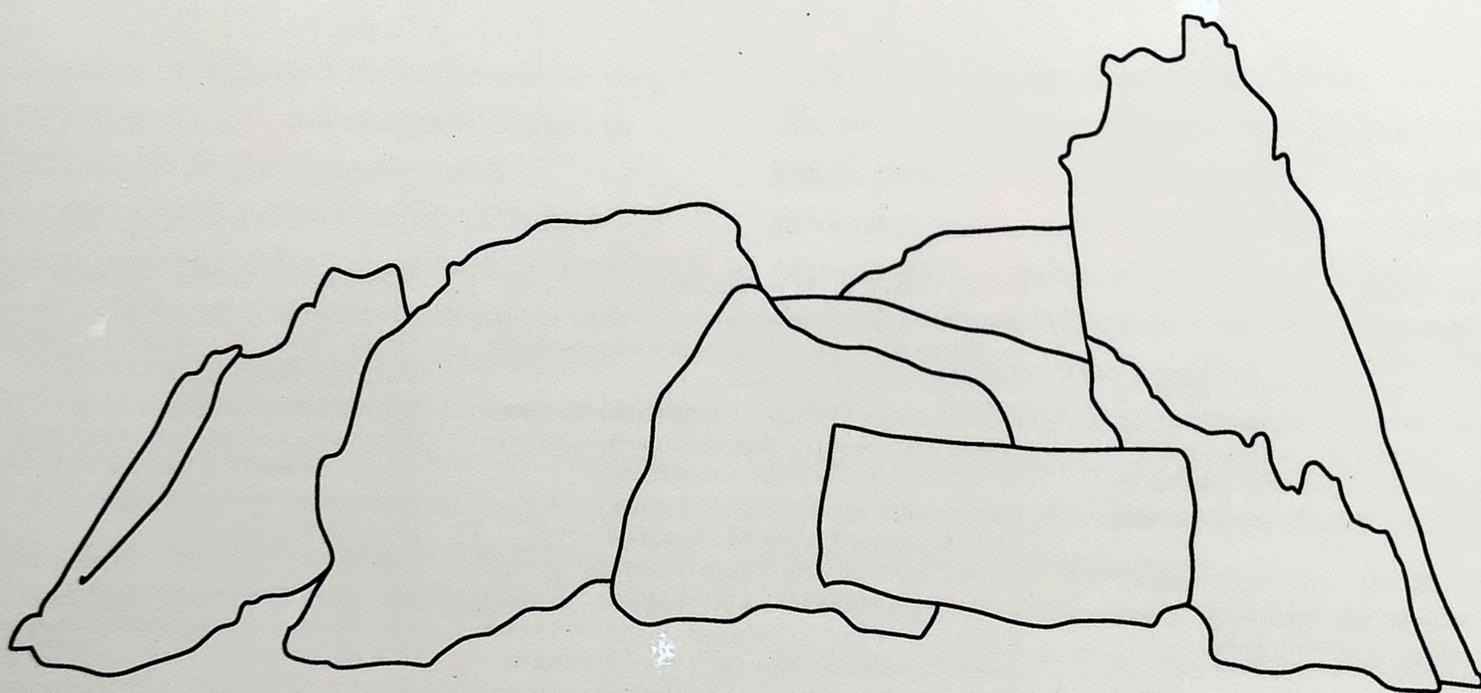


**REPÚBLICA
PORTUGUESA**

CULTURA
DRC ALENTEJO

JORGE DE OLIVEIRA

AS ANTAS DA FREGUESIA DE MONTALVÃO



Jorge de Oliveira é Professor Catedrático de Arqueologia na Universidade de Évora, onde coordena a respetiva Área Científica e dirige o Laboratório de Arqueologia. É fundador e Diretor do Museu Municipal de Marvão. Fundou e dirige a Revista IBN MARUÁN, Revista Cultural do Concelho de Marvão. É autor de mais 400 títulos entre livros, artigos e comunicações em congressos

científicos. Indígena de Santo António das Areias, concelho de Marvão, desde muito cedo, ainda criança, começou-se a interessar por Arqueologia fazendo um percurso de mais de 50 anos de investigação, especialmente dirigida para o Norte do Alentejo e para o Megalitismo em particular.

PALAVRAS-CHAVE
Megalitismo funerário;
Montalvão, Rio Sever.

RESUMO

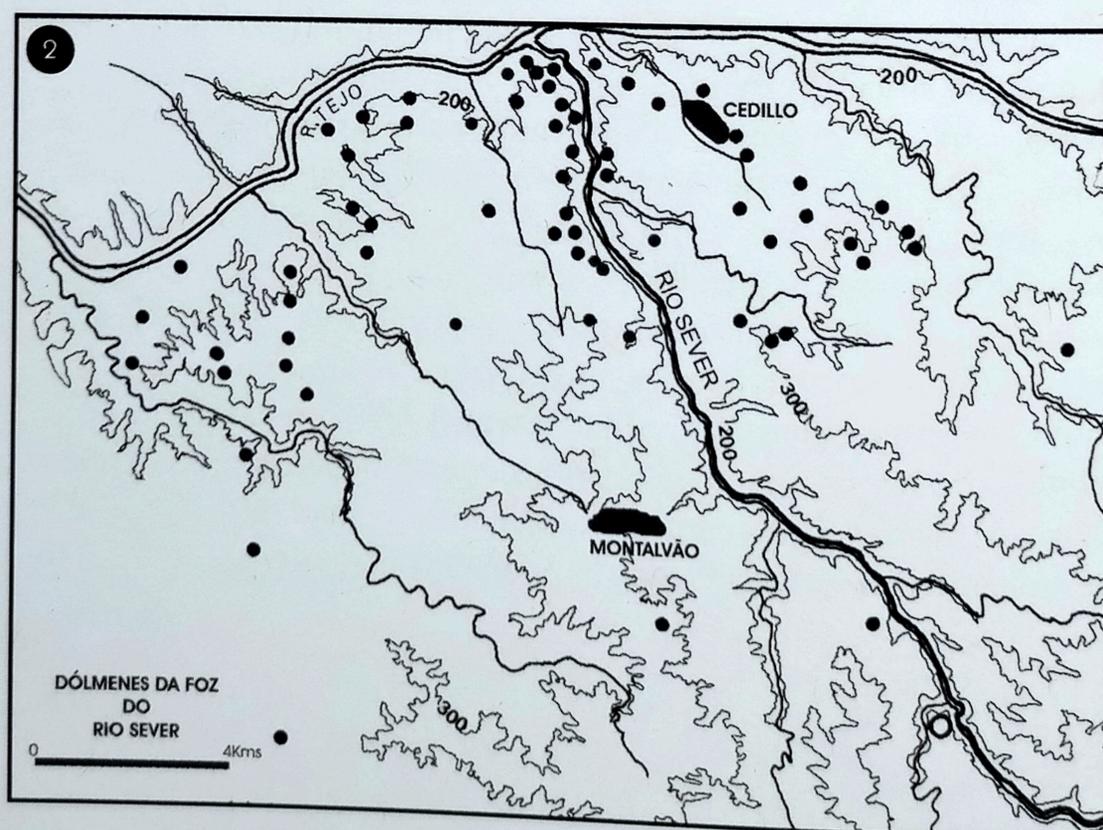
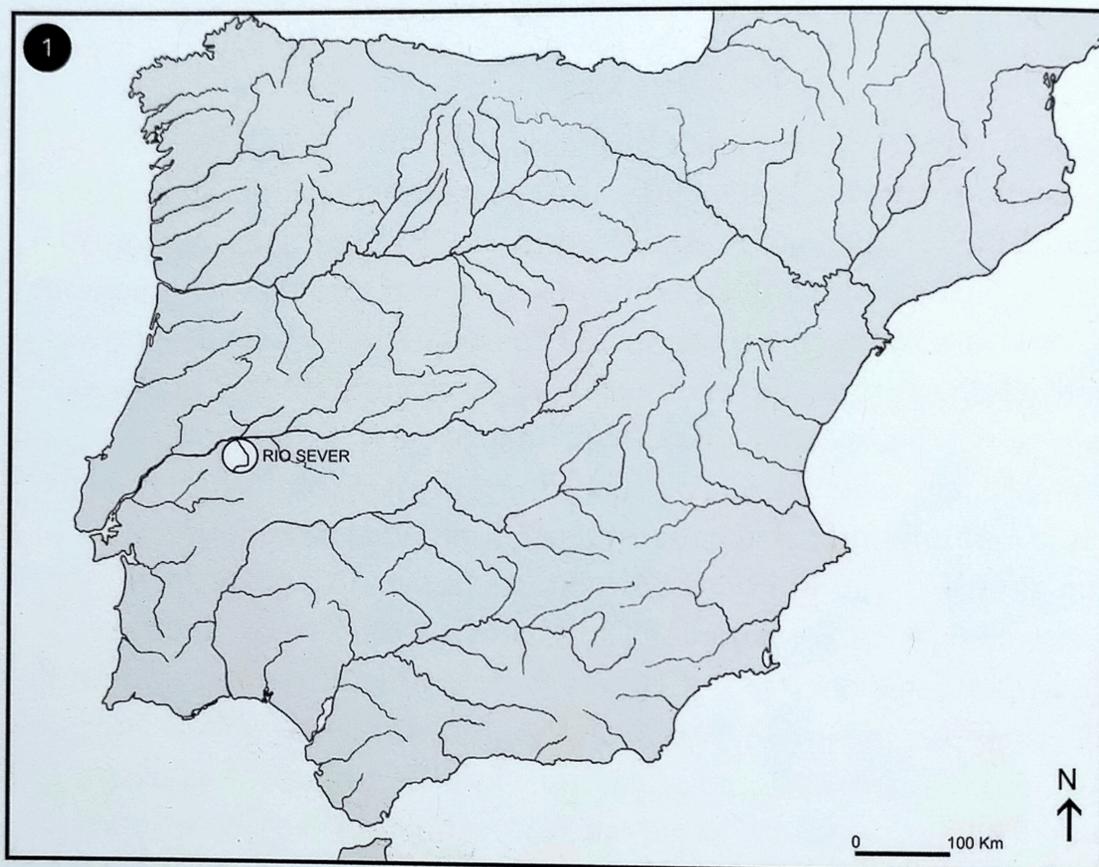
Neste breve artigo tenta-se sistematizar a informação que foi possível recolher sobre a denominada Necrópole Megalítica da Foz do Rio Sever que foi praticamente destruída pela plantação de eucaliptos na década de 80 do século XX.

OS PRECEDENTES

Se a descrição de uma anta em Nisa aparece na mais antiga “notícia” sobre monumentos megalíticos em Portugal, pela pena de Martinho de Mendonça e Pina, em 1733, também ficamos a saber, por Motta e Moura, em 1877, que a mesma foi demolida para utilização da pedra, informando-nos, também, que estava implantada no Rossio, junto à muralha, quase em frente à casa dos Salgueiros. Consultando toda a bibliografia sobre o tema haverá que reconhecer que os monumentos megalíticos funerários do concelho de Nisa foram, desde os primeiros estudos, objeto da atenção dos investigadores, especialmente desde os finais do século XIX. Maioritariamente, foram divulgados os monumentos de maior dimensão, situados na zona granítica do concelho. O megalitismo da zona xistosa situada na zona mais a norte deste concelho só começa a ser referido em meados do século XX. Será com a divulgação dos diversos estudos sobre as sepulturas megalíticas da Península Ibérica, da autoria de Georg e Vera Leisner (Leisner, 1956,59,65), mas sobretudo com a publicação dos volumes que compreendem o Alentejo, que uma visão de conjunto foi possível estabelecer para esta região. O grande *corpus* que resulta do exaustivo levantamento empreendido pelo casal alemão marca uma nova época no estudo da Pré-História peninsular. Até ao levantamento de Georg e Vera Leisner nenhuma referência se conhece a monumentos situados no complexo xisto-grauváquico que ocorre em mais de metade do curso do Sever e que ocupa grande parte dos concelhos de Nisa, Castelo de Vide, Marvão, Valência de Alcântara, Herrera de Alcântara e a totalidade do de Cedillo. Desconhecia-se, portanto, para além de grande número de monumentos situados nos granitos, todo o universo megalítico dos xistos. O desconhecimento, até finais dos anos cinquenta, da existência de sepulturas megalíticas, na Freguesia de Montalvão, sobretudo junto à foz do Sever, ficou a dever-se, por um lado, à ausência de estudos de carácter mais genérico sobre aquela região, mas sobretudo às reduzidas dimensões destes monumentos, quando comparados com os construídos em granito e localizados mais a sul que, naturalmente, não despertaram a atenção dos que de alguma maneira mais cedo os poderiam ter divulgado.

Para além do inventário, praticamente exaustivo, efetuado por Georg e Vera Leisner, onde incluem um importante conjunto de sepulturas em xisto que se localizavam junto à foz do Sever, recolheram materiais (unicamente machados e enxós) nas antas do Caneiro, Eira e Vermelha. Este espólio, somado às informações recolhidas, torna-se hoje de extrema importância para o estudo deste “grupo” megalítico, considerando que toda a “Necrópole Megalítica do Sever” foi praticamente destruída entre 1985 e 1986 durante as subsolagens para plantação de eucaliptos. Em 1979 Joaquim Batista e Manuel Leitão publicam materiais e descrevem uma anta nas Naves de Montalvão. Este monumento, conhecido localmente por Anta da Nave do Padre Santo, viria, seis anos depois, a ser destruído pelas subsolagens para plantação de eucaliptos. Os autores referem ser uma das maiores antas da região. Puderam observar ainda doze esteios, apresentando um deles dez covinhas. Neste trabalho descrevem-se dois machados, uma lâmina, dois fragmentos de cerâmica e três de placas de xisto decoradas, não se esclarecendo convenientemente qual ou quais as condições de recolha do espólio.

1. Península Ibérica.
2. Mapa da foz do Sever.



No trabalho de salvamento que, mais tarde, desenvolvemos neste monumento e a que à frente aludiremos, já quase nada pudemos observar do que Batista e Leitão descreveram, tal o estado de destruição em que ficou o monumento após ter sido “triturado” pelas máquinas de subsolagem. Em 1980, Francisco Henriques e João Caninas dão a conhecer um exaustivo levantamento de estações e monumentos localizados nos concelhos de Vila Velha de Ródão e Nisa. Neste levantamento, posteriormente alargado (1986), os autores, partindo das informações de Georg e Vera Leisner (1956 e 59), cartografam exaustivamente a zona norte do concelho de Nisa, onde registam 46 sepulturas megalíticas, distribuídas desde a bacia da Ribeira de Nisa à do Rio Sever. Os levantamentos de Henriques e Caninas tornam-se no último documento anterior à florestação maciça do norte do concelho de Nisa que provocou a destruição de 90% dos vestígios arqueológicos aí existentes. Partindo deste levantamento, os seus autores apresentam em 1985, nas Primeiras Jornadas de Arqueologia do Nordeste Alentejano, um interessante trabalho de síntese, sobre a ocupação pré-histórica das margens do Tejo.

Com as informações recolhidas nas escavações que desenvolvemos nos inícios da década de 80 no concelho de Marvão e com os materiais provenientes de nove antas de Castelo de Vide, começava a desenhar-se, pelo menos baseados no mobiliário, uma visão mais alargada das características das sepulturas megalíticas da zona granítica da bacia do Rio Sever. O conhecimento que tínhamos dos monumentos situados junto à foz deste rio, em muitos aspetos distintos dos que agora estudávamos, levou-nos a projetar um estudo comparativo entre estes dois conjuntos. Em 1985, baseados nos inventários de Georg e Vera Leisner e de Henriques e Caninas procedemos à realocação dos monumentos situados na freguesia de Montalvão, ao mesmo tempo que prospectávamos a zona norte do concelho de Castelo de Vide e a bacia do Sever a Este de Montalvão. Quando programávamos e angariávamos meios para dar início a esta fase do estudo fomos alertados, no Verão de 1985, para a destruição quase total dos monumentos que tínhamos projetado estudar na freguesia de Montalvão. Trabalhos de subsolagem para preparação da plantação de eucaliptos destruíram, em curto espaço de tempo, a maior parte da mancha megalítica da zona norte do concelho de Nisa, tornando, assim, muito difícil o desenvolvimento do nosso projeto. Como consequência desta destruição fomos indigitados pelo Serviço Regional de Arqueologia da Zona Sul para dirigir os trabalhos de salvamento da então denominada Necrópole Megalítica do Sever. As reduzidas verbas a esse fim destinadas possibilitaram-nos, unicamente, intervir na Anta da Nave do Padre Santo. Duas pequenas campanhas realizadas nos Verões de 1986 e 1987 viabilizaram recuperar, em parte, a planta do monumento e recolher algum espólio ainda presente, posteriormente entregue à guarda da Câmara de Nisa. Decorrente da nossa investigação conseguimos isolar dois grupos de sepulcros megalíticos nesta zona a norte da Serra de S. Mamede. A norte os monumentos de xisto onde predominam as câmaras simples, a sul, na mancha granítica, os monumentos com corredor bem diferenciado de pequena ou grande dimensão. De primordial importância seria o estudo de mais sepulturas da zona dos xistos. Contudo, no interior da área definida pela bacia do Sever, já nenhuma sepultura megalítica subsistia intacta, todas tinham sido destruídas pela florestação. Haveria, então, que estudar mais monumentos, nas imediações da bacia do Sever que ainda apresentassem sinais de conterem algum enchimento. Recordemos que os monumentos desta região, para além de muito afetados pela florestação, apresentam, na sua totalidade, sinais de profundas violações. Por outro lado, a atual fraca potência de solo arável desta região tem vindo a contribuir para a destruição quase completa das mamoas com a consequente derrocada dos esteios e natural ruína dos monumentos. Houve, portanto, que selecionar entre os poucos monumentos ainda existentes os que conservassem algum enchimento interno e vestígios de mamoa. Depois de, novamente, prospectarmos a região, selecionámos para estudo as antas da Fonte da Pipa, da Lomba da Barca e da Salgueirinha.

Enquanto preparávamos o processo de pedido de autorização de escavação e tentávamos reunir apoios para a escavação da Anta da Fonte da Pipa, esta propriedade era vendida a uma empresa de celulose e o monumento destruído. O trabalho que em 1991 desenvolvemos nesta anta, em colaboração com Pedro Almeida, resumiu-se à recuperação da provável planta do monumento e à recolha de algum espólio, parcialmente fora de contexto e muito fragmentado pelas potentes máquinas de subsolagem. Igualmente os materiais recolhidos neste monumento foram entregues à guarda da Câmara Municipal de Nisa. Para o Verão de 1992 projetávamos escavar a Anta da Lomba da Barca e a da Salgueirinha. O trabalho na primeira foi efetuado no tempo previsto, ainda que muito limitados pelos apoios conseguidos. Passados 30 anos continuamos a aguardar, pacientemente, que a entidade da tutela nos conceda a necessária autorização para realização dos trabalhos na Anta da Salgueirinha, que apesar das várias campanhas de florestação e reflorestação com eucaliptos ainda se mantinha em pé no ano de 2000.

INVENTÁRIO CRONOLÓGICO DOS MONUMENTOS FUNERÁRIOS MEGALÍTICOS DA ZONA NORTE DO CONCELHO DE NISA

Mendonça e Pina (1734) Anta da Vila de Nisa

Leisner e Leisner (1959) Fazendeiro I; Fazendeiro II; Charneca; Lomba da Barca; Navalhas; Vinha da Tonilha; Tapada da Eira; Vermelha; Caneiro; Monte da Foz; Caminho da Foz; Nave do Padre Santo; Terra das Naves; Salgueirinha; Terreno da Ribeira; Atalaia; Lameira Longa; Vila de Nisa; Lapas I; Lapas II; Lapas III.

Henriques e Caninas (1980/85/86) Atalaia; Bica; Salavessa II; Cabeço da Águia I; Cabeço da Águia II; Cabeço da Águia III; Cabeço do Loulé; Taipas I; Taipas II; Taipas III; Casarões; Caminho da Foz; Caneiro; Sesmarias; Dourados I; Dourados II; Eira- 47 ; Falquetões; Fonte da Pipa; Lapas I; Lapas II; Lapas III; Lameira Longa; Lomba da Barca; Nave do Padre Santo; Naves; Pêgo do Bispo; Salavessa IV; Salavessa V; Salgueirinha; Eira das Bezerras; Terra da Azinheira; Terra da Frágua; Terra das Naves; Fazendeiro I; Fazendeiro II; Sobreirão; Vale Muchacho; Vermelha; Tapada do Curralinho; Tapada do Muro; Tapada da Romélia.

Oliveira J. de (1995) Vale de Gamenitos; Padre Santo; Douradas I; Douradas II; Terra das Naves; Tapada da Romélia; Vila de Nisa; Salavessa IV; Salavessa V; Tapada do Curralinho; Tapada do Muro; Cabeço da Águia II; Cabeço Águia III; Alfinetes; Sobreirão; Charneca; Lameira Longa; Atalaia; Fazendeiro I; Fazendeiro II; Cabeço da Águia; Salavessa I; Frágua; Salavessa II; Cabeço do Loulé; Salavessa III; Sesmarias; Azinheira I; Azinheira II; Casarões; Taipas I; Taipas II; Lomba da Barca; Taipas III; Fonte da Pipa; Lapas II; Lapas III; Lapas I; Vale Muchacho; Salgueirinha; Ofélia II; Ofélia I; Ofélia III; Terreno da Ribeira; Joaquim Carrilho; Vermelha; Caneiro; Monte da Foz; Eira das Bezerras; Caminho da Foz ; Naves.

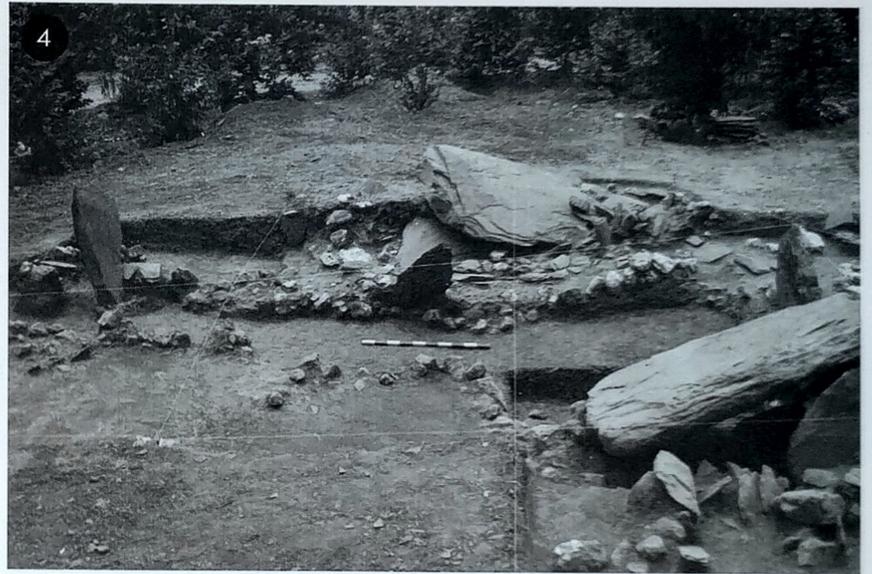
TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS DESENVOLVIDOS

A campanha de salvamento da vasta necrópole megalítica da Foz do Sever, por nós dirigida, na Freguesia de Montalvão, afetada pela plantação de eucaliptos que provocou a destruição praticamente total de mais de uma vintena de monumentos limitou-se apenas a três dólmenes, a saber: Padre Santo, Fonte da Pipa e Lomba da Barca. Os trabalhos desenvolvidos nestes monumentos contaram com o apoio do Município de Nisa e do IPPAR. Apenas os trabalhos desenvolvidos na Anta Fonte da Pipa tiveram algum apoio financeiro de uma das empresas de celulose que promoveram a destruição desta vasta necrópole. Porque outros apoios não conseguimos obter os restantes monumentos afetados não tiveram outra intervenção para além da recolha de alguns materiais arqueológicos que ocorriam à superfície do terreno totalmente removido.

Anta da Nave do Padre Santo

Situação Todos os investigadores que anteriormente já haviam noticiado este monumento foram unânimes ao considerá-la como a de maiores dimensões da freguesia de Montalvão. Tal como mais de duas dezenas de sepulturas megalíticas desta freguesia, também esta foi afetada pelas subsolagens para a plantação de eucaliptos. Dos esteios de xisto que formavam este sepulcro apenas um fragmento do de cabeceira se encontrava ainda implantado no alvéolo. Os restantes, muito fraturados foram dispersos por uma grande área. A mamao foi totalmente destruída.

Recuperação A recuperação possível deste monumento limitou-se à definição da sua planta através dos alvéolos e à recolha do espólio que ainda se mantinha na área decapada. Foi impossível proceder à reimplantação de qualquer esteio devido ao estado de destruição geral do monumento. Por forma a evidenciar o local na atual paisagem povoada de eucaliptos procedeu-se à concentração possível dos fragmentos de esteios junto ao de cabeceira e cobriu-se toda a área com gravilha de calibre médio.



3. Anta da Nave do Padre Santo – escavação.
4. Anta da Nave do Padre Santo – vista de norte.
5. Anta da Nave do Padre Santo – vista geral.
6. Anta da Nave do Padre Santo – aspecto da área da câmara.

Anta da Fonte da Pipa

Situação Tal como a anta da Nave do Padre Santo também esta foi afetada pela florestação com eucaliptos. Do monumento após a sua destruição nada mais restava à superfície do que alguns fragmentos de esteios tombados e dois blocos de xisto que ainda pareciam conservar-se no local original. Da mamoa nada restava. Valas profundas tinham sido abertas, quer na mamoa, quer no espaço interno do monumento.

Recuperação Uma cuidada escavação possibilitou recuperar os alvéolos dos esteios desaparecidos ou arrancados. Se a recuperação gráfica da planta do monumento ainda foi possível, a sua recuperação arquitetónica tornou-se completamente inviável. Apenas um fragmento de um esteio que se encontrava tombado próximo de um dos alvéolos foi reimplantado. Após a escavação toda a área foi recoberta com terra crivada. À data dos trabalhos de recuperação deste monumento o Município de Nisa comprometeu-se a espalhar na área do dólmen gravilha para destacar a sua posição por entre a mata de eucaliptos. Passados mais de 30 anos tal ainda não ocorreu.



7. Anta da Fonte da Pipa após a sua destruição.

8. Anta da Fonte da Pipa - fase de escavação.





9. Anta da Fonte da Pipa – identificação dos alvéolos dos esteios.

10. Anta da Fonte da Pipa – vista geral.

11. Anta da Fonte da Pipa – identificação de um ídolo-placa.

12. Anta da Fonte da Pipa – Equipa.



Anta da Lomba da Barca

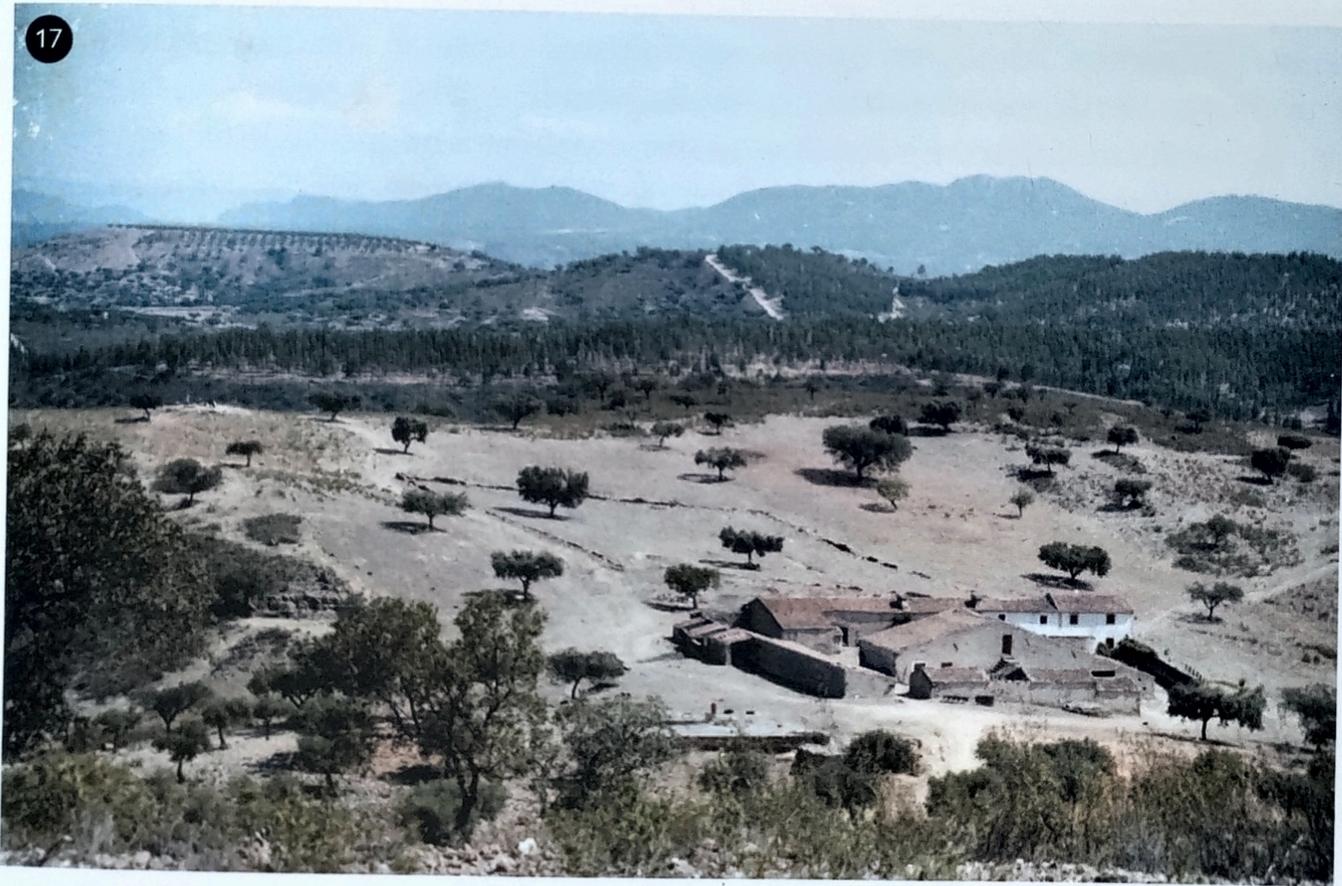
Situação A Anta da Lomba da Barca embora, à data, ainda não afetada pela plantação de eucaliptos localizava-se numa zona que previsivelmente viria a ser totalmente sub-ripada. Por se tratar dum monumento que, aparentemente, ainda conservava alguma potencial informação arqueológica resolvemos proceder ao seu estudo. Paralelamente, porque se encontrava totalmente envolto por estevas e já era praticamente já desconhecido na região, ao intervirmos nele ficaria suficientemente destacado na paisagem podendo, assim, vir a sobreviver a nova vaga de plantação com eucaliptos. O monumento apresentava apenas quatro esteios da câmara. Da mamoa ainda eram visíveis vestígios junto ao esteio de cabeceira. Na área do corredor já nada restava.

Recuperação Com o desenvolvimento da escavação foi possível identificar, quer os alvéolos dos esteios da câmara já desaparecidos, quer os do corredor. No interior de um dos alvéolos da câmara ainda se identificou parte de um esteio. Concluída a escavação procedeu-se ao enchimento dos alvéolos com pedra miúda e construiu-se uma pequena parede de pedra seca no interior do monumento para reforço dos esteios. Toda a área escavada foi coberta com terra crivada e igualmente solicitámos ao Município de Nisa que cobrisse a área do monumento com gravilha para sinalização da anta. Tal como aconteceu com a Anta da Fonte da Pipa esta continua a aguardar pela brita.



13. Anta da Lomba da Barca – escavação.
14. Anta da Lomba da Barca – escavação do corredor.





- 15. Anta da Lomba da Barca – identificação de uma enxó em pedra polida.
- 16. Anta da Lomba da Barca – vista geral.
- 17. Monte da Lomba da Barca visto da anta.
- 18. Anta da Lomba da Barca – equipa.

Se os trabalhos arqueológicos desenvolvidos nos monumentos megalíticos localizados na margem esquerda do Sever se limitaram apenas a três dólmenes e já muito afetados pela plantação de eucaliptos, que pouca informação científica nos facultaram, ao investigarmos a margem direita, especialmente o Termo Municipal de Cedillo, onde a paisagem não tinha sido afetada por plantações intensivas e os recursos disponibilizados pelo Ayuntamiento permitiram desenvolver estudos continuados foi possível, para além de prospectar todo o território, intervir nos dolmens da Joanhina, Quatro Lindones, Era dos Guardas e Charca Grande de la Regañada. Coligindo as informações disponíveis passámos a poder ter hoje uma visão mais clara das estruturas funerárias das primeiras comunidades neolíticas da foz do rio Sever.

Arquitectura

A base das sepulturas construídas nesta zona de xistos encontra-se, geralmente, abaixo da linha de terra. Assentando sobre afloramentos de xisto ou em solos argilosos, verificamos que o espaço funerário foi rebaixado em relação ao nível exterior. Uma regularização cuidada do piso, contrastando fortemente com o detetado nalguns monumentos de granito, foi a norma dos construtores das câmaras funerárias da zona norte desta região. Esta regularização, quando não efetuada pelo desbaste dos afloramentos da rocha, foi conseguida com a compactação de argila e pequenos fragmentos de xisto ou calhaus rolados introduzidos no interior dos abatimentos mais significativos. Os esteios dos monumentos foram implantados em alvéolos abertos no solão de base. Contudo, algumas diferenças estão presentes. Nas sepulturas cujo piso foi mais rebaixado, o que ocorre nos monumentos mais simples e provavelmente fechados, os alvéolos são pouco profundos, raramente ultrapassando os vinte centímetros em relação ao nível interno. A diferença do nível interno para o nível externo por vezes pode ultrapassar os quarenta centímetros. Os monólitos foram assim colocados de cima para baixo, mas levemente inclinados para o interior. O esteio de cabeceira quando isolável é mais largo e mais espesso que os restantes. A resistência desta peça é fundamental para a estabilidade de toda a construção, considerando que é a partir dele que se organiza toda a estrutura funerária. Nele descansam, ainda que só nalguns casos, os topos dos esteios laterais. É notória a diferença da qualidade da contrafortagem do esteio de cabeceira em relação à existente para os outros elementos. Esta contrafortagem foi normalmente obtida por blocos de xisto e por vezes calhaus rolados unidos por argila compactada introduzidos entre os alvéolos e os monólitos. Em dois monumentos (Lomba da Barca e Fonte da Pipa) recolhemos elementos de moinhos fraturados, a servirem de calços. O número de esteios nos monumentos de xisto é muito variável. A quantidade de ortóstatos é inversamente proporcional à sua dimensão. Esta relação reflete-se, naturalmente, na planta destas construções. Nas que possuem esteios mais largos a câmara e o corredor parecem querer individualizar-se, como ocorre na anta da Lomba da Barca. Quando os esteios são mais pequenos, quer em largura, quer em altura, a distinção entre câmara e corredor é menos clara e por vezes não existe o chamado esteio de cabeceira, como é o caso da anta do Cerro de la Caldera. Nestes monumentos, em forma de saco, geralmente os mais longos, como seria a anta da Nave do Padre Santo, os esteios terminais são muito pequenos, raramente ultrapassando os trinta centímetros de altura e pouco implantados no solo. Entre os monumentos compostos por múltiplos esteios encontramos pequenas câmaras, provavelmente fechadas, de forma ovalada ou sub-rectangular, sem que qualquer esteio se destaque em termos volumétricos. Estes espaços funerários, insuficientemente estudados, pouco ultrapassam a linha de terra, tendo sido a inclusão dos esteios antecedida pela abertura da câmara funerária no solo. Ao contrário do que se verifica nos monumentos de granito, os esteios dos de xisto foram implantados praticamente na vertical.

O reduzido ângulo que formam com a linha de terra não justifica a existência da linha de esteios secundários externos que normalmente ocorre nas antas de maiores dimensões da área dos granitos. Esta segunda linha de pequenas lajes destinava-se a vedar as aberturas deixadas entre os esteios, junto à sua base, provocadas pela inclinação que os monólitos normalmente apresentam para o interior da câmara. A menor inclinação dos esteios para o interior nos monumentos de xisto justifica-se, quer pelo menor diâmetro destas câmaras, quer pela menor resistência a pressões exercidas sobre a orientação da xistosidade desta rocha.

Nos monumentos em xisto raros são os que ainda apresentam coberturas. Para além da anta dos Pombais, em Marvão, apenas a pequena anta de La Sevillana, em Cedillo, apresenta uma laje de xisto ainda sobreposta sobre os esteios. Em mais nenhum monumento da foz do Sever foi identificado qualquer cobertura.

A necessidade de lajes para construções posteriores justificará, seguramente, a ausência de coberturas nos restantes monumentos. Tratando-se de espaços funerários de pequenas dimensões e com coberturas facilmente manuseáveis, sem grande dificuldade seriam removidas para outros locais.

Ainda que desconheçamos exatamente qual a forma ou formas de cobertura destes monumentos, torna-se importante referir dois sepulcros que apresentam algumas interessantes particularidades. A anta do Vale Muchacho, localizada na margem portuguesa, foi totalmente destruída nos anos quarenta deste século, para obtenção de pedra para a construção de uma pequena casa agrícola que se veio a implantar a cerca de vinte metros para poente do que ainda hoje resta da mamoa. Localizada nas imediações do Vale do Tejo, portanto a mais de quinze quilómetros da zona dos granitos, nas paredes desta casa encontram-se blocos da referida rocha. Interrogado o proprietário e responsável pela construção, fomos informados que as pedras utilizadas nesta casa, ou foram extraídas duma pequena pedreira situada a poucos metros a norte da anta hoje destruída, ou da anta que aí existia. Pelo número de blocos de granito visíveis no aparelho da casa parece podermos deduzir que algum esteio, ou provavelmente a cobertura seriam de granito, à semelhança do verificado na anta dos Pombais, em Marvão. Assim sendo, a obtenção desta rocha obrigaria ao seu transporte de uma distância superior a quinze quilómetros. Outro interessante monumento é o da Tierra Caída I, situado na margem espanhola do Sever.

Este monumento é o que provavelmente possuirá os esteios mais altos de toda a zona dos xistos. Estes, com alturas acima do solo superiores a dois metros, e mais inclinados do que o normal para estes monumentos, encostam, entre si os topos, formando uma câmara quase em forma de pirâmide. As pequenas frestas que nalguns sítios se verificam foram colmatadas por um tosco aparelho de pedra vã. O acesso ao interior da câmara apresenta-se em forma de triângulo.

Sem se proceder a qualquer trabalho de escavação, dificilmente se pode compreender se a inclinação dos esteios, algo anormal para monumentos deste género, se deve a abatimentos posteriores, ou se desde a origem a câmara foi assim projetada. Ainda que desconheçamos muita informação e face a tão grande diversidade de situações, poderemos, contudo, levantar a hipótese de que alguns monumentos nunca tivessem possuído coberturas monolíticas, mas apenas fossem fechados pelos próprios esteios, quando mais longos e mais inclinados. A raridade de coberturas nestes monumentos não pode, todavia, ser explicada para todos os casos pelo processo verificado em Tierra Caída I. Monumentos como Quatro Lindones, Cerro de Caldera, Caneiro, Salgueirinha, Fonte da Pipa, Lomba da Barca, Padre Santo, Joaninha e tantos outros, seriam cobertos por lajes depostas na horizontal.

A pouca diferenciação, em planta, entre a câmara e o corredor também é muito esbatida em alçado. Ao contrário do que encontramos nas antas de granito da zona sul da bacia do Sever, onde uma grande diferença, por vezes superior a cento e cinquenta centímetros, separa a cobertura da câmara das coberturas do corredor, nas antas de xisto não se verificam esses desníveis. Da câmara para o corredor as alturas vão decrescendo gradualmente sem que ocorram diferenças significativas, constituindo pequenas áleas cobertas. A inexistência de patamares entre a altura

da câmara e o corredor poderá refletir a existência, não de uma única cobertura para a câmara como ocorre nos granitos, ou no caso excepcional da anta dos Pombais, mas de diversas lajes, de menores dimensões que justapostas ou imbricadas cobririam regularmente toda a sepultura. Assim sendo, seriam de muito menores dimensões e facilmente removíveis, explicando-se deste modo a sua atual ausência. Qualquer destas estruturas funerárias construídas em xisto foi protegida por uma mamoa. Quatro diferentes materiais foram utilizados na construção das estruturas tumulares das antas da área do rio Sever: lajes de xisto, blocos de quartzo, calhaus rolados e argila. Nos monumentos estudados verificámos que diretamente adossadas aos esteios, pequenas lajes de xisto, fortemente imbricadas e por vezes compactadas com argila, envolviam totalmente o espaço funerário. Lajes de maiores dimensões foram identificadas na periferia da anta da Lomba da Barca, provavelmente relacionadas com anel de contenção, hoje já desaparecido. A presença de blocos de quartzo filoniano de diferente calibre foi invariavelmente identificado na periferia dos monumentos. Raros foram os registados no interior das mamoas, levando-nos a pensar, pelo seu posicionamento, que se destinariam a revestir exteriormente o *tumulus*. Na anta da Nave do Padre Santo os blocos de quartzo para além de ocorrerem na periferia do monumento foram também identificados a servirem de calços internos dos esteios, quer da câmara, quer do corredor. A utilização de calhaus rolados de calibragem diferente, mas maioritariamente de cor clara, ainda que associados a lajes de xisto e aos sempre presentes blocos de quartzo, foram utilizados na construção das mamoas das antas da Fonte da Pipa, Vale Muchacho, Vermelha e Ofélia I e II. Na periferia da anta da Nave do Padre Santo identificámos alguns blocos de quartzo de grandes dimensões. Pelo seu volume e posição periférica parece terem pertencido a um provável anel de contenção da mamoa, hoje totalmente destruído pelas várias subsolagens para plantação de eucaliptos que afetaram totalmente esta e outras antas da mesma região. Nos monumentos escavados verificámos que os elementos pétreos da mamoa assentavam diretamente sobre a rocha. Observou-se, assim, que os construtores destas sepulturas removeram as terras existentes sobre a rocha e assentaram a estrutura lítica do *tumulus* diretamente sobre o solão, procurando conferir-lhes mais estabilidade. A presença de terras pouco compactadas na base das mamoas poderia não fornecer a segurança necessária à construção do monumento. Recordemos que as margens do Tejo e as do Sever a norte de Montalvão apresentam fortes pendentes, obrigando os construtores de megálitos a procurarem os topos das linhas de cumeada para a implantação dos sepulcros. A remoção de terras facilmente arrastáveis pelas águas e o assentamento dos elementos líticos das mamoas diretamente na rocha, ofereceria maior estabilidade a toda a construção. Mesmo perante uma tão grande preocupação em conferir estabilidade às mamoas elas chegaram até nós, ou completamente esgotadas, ou já muito desmembradas. Os trabalhos agrícolas e sobretudo as fortes pendentes dos solos onde se implantam parecem ter sido os grandes responsáveis pela sua destruição.

Os Monumentos na Paisagem

Contrariamente ao observado nos monumentos de granito, as sepulturas da zona dos xistos implantam-se na sua quase totalidade nas principais linhas de cumeada. Nos festos os construtores destes pequenos monumentos procuraram os pontos mais elevados, bem evidentes na paisagem. Concentrando-se na foz do Sever e estendendo-se ao longo das margens do rio Tejo as sepulturas megalíticas formadas por elementos de xisto parecem mostrar uma maior homogeneidade em termos de implantação do que as da zona dos granitos. Dois monumentos na margem espanhola são, até agora, as únicas exceções à regra da monumentalização das linhas de cumeada. As antas de *la Tierra Caída I e II* (Cedillo), situadas numa pequena plataforma destacada das íngremes encostas do rio Sever são os únicos monumentos da região. Contudo, e apesar de não ocuparem linhas de cumeada, estes dois sepulcros dominam visualmente uma larga extensão do vale do Sever e parte do Tejo.

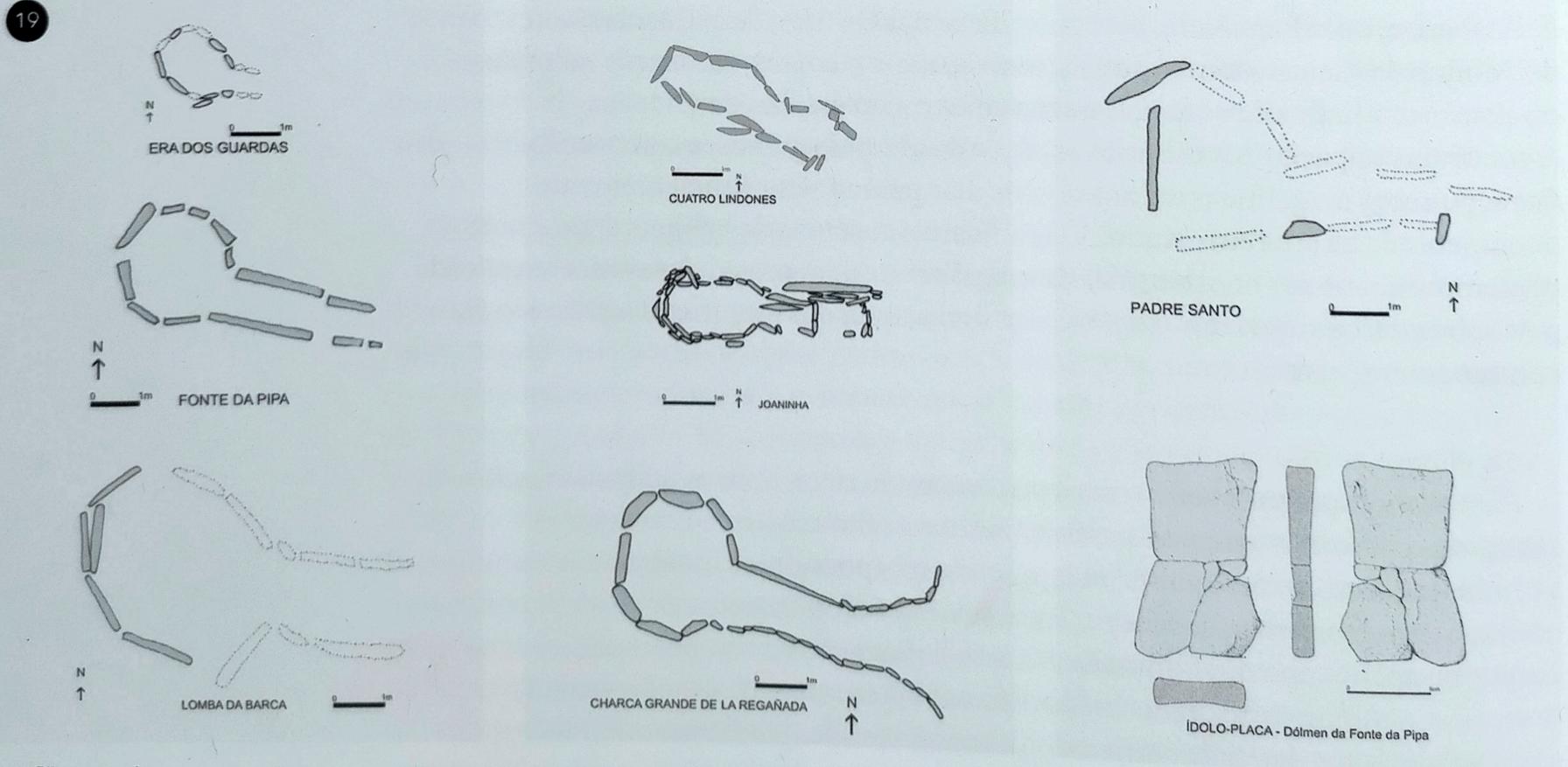
Nos monumentos de xisto verificamos que 76,7% estão implantados nas linhas de cumeada, especialmente nos festos de primeira ou de segunda grandeza. Implantadas em encostas viradas a Oeste registámos 18,6% das sepulturas, enquanto que nas encostas viradas a Este, apenas se conhecem 4,6% destes monumentos. Nas encostas viradas a Norte e a Sul não se conhecem monumentos em xisto no interior da bacia hidrográfica do Sever.

Se nos monumentos de granito foi possível identificar, em prováveis necrópoles, um ou dois monumentos que se destacavam pelo seu volume, mas, sobretudo, pela sua dominância em termos de implantação, nos monumentos de xisto essa provável hierarquia em monumentalidade, não foi, até ao momento, claramente constatada. Monumentos de maiores dimensões tanto ocorrem em locais com cotas mais baixas como nos pontos mais elevados dos festos. O monumento da Charca Grande de la Regañada, provavelmente um dos maiores sepulcros do Termo de Cedillo foi construído numa suave encosta, não muito longe duma linha de água. A menos de trezentos metros duas pequenas sepulturas (Los Guardas e Sevillana) implantam-se na linha de cumeada, em local bem visível. Pelo contrário, a anta de Los Cuatro Lindones, também no Termo de Cedillo, destaca-se das que a rodeiam (Cerro de la Administradora, Ferrañon e Charca de La Viúda), quer pelas suas maiores dimensões, quer pelo local dominante onde se implanta. Embora encontremos monumentos construídos em xisto fora das linhas de cumeada, o seu número é bastante reduzido. Torna-se evidente que as comunidades construtoras dos monumentos da foz do Sever, quer na margem portuguesa, quer na margem espanhola, procuraram evidenciá-los na paisagem. Provavelmente a reduzida procura das encostas nos terrenos dos xistos para a construção das sepulturas megalíticas poderá explicar-se pelas fortes pendentes que as caracterizam. A reduzida estabilidade das encostas desta região deverá ter contribuído também para que as linhas de cumeada fossem as escolhidas para a implantação dos monumentos funerários. Observando a localização das casas agrícolas verificamos que grande número delas foram construídas nas imediações de sepulturas megalíticas. Na construção de algumas habitações utilizaram-se, e por vezes sem as afetar significativamente. A seleção dos mesmos espaços torna-se particularmente interessante quando verificamos que raras são as casas agrícolas na bacia do Sever que foram construídas nas encostas viradas a Norte, sendo também insignificante o número de habitats edificadas nas encostas viradas a Sul. Parece claro que esta rejeição se prende com condicionalismos climáticos, enquanto que a opção pelas linhas de cumeada deverá ser explicada pela maior estabilidade dos solos. Os velhos montes do Pombo, da Foz, da Fonte da Pipa, del Cabezón, de la Regañada, del Santo, de la Majada Alta, de la Carrasquera, del Molino de Viento e tantos outros, mesmo mais recentes, são claros exemplos da eleição das linhas de cumeada para a construção das casas agrícolas. A contínua ocupação dos mesmos espaços desde, pelo menos, a construção das sepulturas megalíticas até aos nossos dias parece estar suficientemente documentada na área em estudo. A significativa ausência de habitats claramente contemporâneos dos construtores de megalitos poderá provavelmente ser explicada pela sobreposição, quer dos próprios sepulcros, quer das estruturas habitacionais continuamente refeitas.

Os Rituais

Para os monumentos construídos por esteios de xisto, poucos ou quase nenhuns elementos possuímos que nos esclareçam sobre o rito ou ritos que envolviam a tumulação. Para sermos ainda mais precisos não possuímos qualquer testemunho que nos permita afirmar, com segurança, se nestes monumentos foram depositados corpos ou apenas ossadas humanas. Na área da bacia do Sever e em monumentos deste tipo, nenhum resto ósseo foi identificado e a escassez de espólio somada aos revolvimentos detetados impossibilita compreender perfeitamente, através do seu posicionamento relativo, qualquer preferência na utilização do espaço tumular.

A acidez dos solos e as destruições que ao longo dos milénios estes monumentos foram sofrendo contribuíram para a inexistência de qualquer resto ósseo. A identificação na Anta da Lomba da Barca e na da Fonte da Pipa de pequenas manchas de cinzas e reduzidos fragmentos de carvões, ainda não datados, no interior da câmara e em níveis compactados, poderão indiciar, à semelhança do que ocorre nos monumentos da zona dos granitos, a presença de depósitos de ossadas previamente preparadas no exterior. Esta preparação, com recurso à cremação parcial ou total dos corpos no exterior do monumento, está suficientemente bem documentada nos monumentos de granito localizados mais a sul. A reduzida dimensão da maior parte dos monumentos da zona dos xistos parece inviabilizar enterramentos coletivos, pelo menos em grande número, como há notícia de ocorrerem nos grandes monumentos construídos em granito. Na área da bacia do Sever, sobretudo no Termo Municipal de Cedillo, onde se localizam os monumentos melhor conservados, é possível constatar que à exceção da Anta da Joaninha e da Anta de la Tierra Caída I, todos os outros monumentos dificilmente comportariam mais do que um a dois corpos. Nos dois monumentos atrás referidos, ainda que mais amplos, o número de inumações que poderiam receber é ainda bastante reduzido, quando comparado com o dos monumentos situados mais a sul. Na margem portuguesa o estado de destruição das antas impossibilita-nos avaliar, com rigor, as suas dimensões. Pelas plantas por nós recuperadas através de escavação, a anta da Nave do Padre Santo e a da Lomba da Barca, ainda que de maiores dimensões do que as situadas nas imediações, permitem-nos verificar que muito dificilmente poderiam receber grande número de cumulações primárias, à semelhança do que poderia ter ocorrido entre as suas congéneres situadas na margem espanhola. Outros monumentos como a Vermelha, Caneiro, Monte da Foz, Gamenitos, Douradas I e II, que ainda pudemos visitar antes da sua destruição, incluíam-se, nitidamente, no grupo das câmaras simples fechadas. Estes espaços funerários, que na maioria dos casos não possuem um metro quadrado de área funcional, mas que, pela sua arquitetura, em tudo se assemelham às sepulturas coletivas de grandes dimensões, não parecem destinar-se a tumulações individuais. Se atendermos ao espólio recolhido nalgumas delas, verificamos que apesar de pobre em número e qualidade, é suficiente para o relacionarmos com espaços destinados a depósitos coletivos. A Anta da Vermelha, escavada por Georg e Vera Leisner, forneceu oito machados e uma enxó de pedra polida. A Anta da Fonte da Pipa, também



19. Plantas de monumentos.

de pequenas dimensões, forneceu quatro machados, seis pontas de seta, três geométricos e duas placas de arenito. Este número de peças, em antas de maiores dimensões, pode indiciar várias tumulações primárias, porém nestes pequenos espaços a existência de enterramentos coletivos primários parece ser muito duvidosa. Se, paralelamente a estas observações, atendermos ao número e estado de conservação dos espólios conhecidos, verificamos que eles são em reduzido número e que os materiais menos resistentes (cerâmicas e placas de xisto) rareiam e quando ocorrem apresentam-se genericamente muito fraturados. O estado de conservação do espólio destes monumentos assemelha-se, em muito, ao que acompanha os enterramentos secundários dos monumentos de granito dos concelhos de Marvão e Castelo de Vide, geralmente muito fraturados e com vestígios de terem sofrido altas temperaturas.

Parece, assim, que os monumentos de menores dimensões, ainda que na ausência de informações mais concretas, destinar-se-iam a funcionar como ossários, provavelmente coletivos, aos quais se tinha acesso, não pelo corredor, que quando existe é apenas simbólico, mas pelas tampas que cobriam o espaço funerário. Os de maiores dimensões, tais como Tierra Caída I, Joaninha, Lomba da Barca, Padre Santo e provavelmente Salgueirinha, poderiam ter funções algo distintas, talvez destinados a receber tumulações primárias de membros de alguma elite da comunidade. Qualquer destes quatro monumentos ocupam locais privilegiados na paisagem. Padre Santo, Lomba da Barca e Joaninha encimam linhas de cumeada dominando em termos altimétricos outros sepulcros de menores dimensões.

Tierra Caída I implanta-se numa plataforma que se destaca do alcantilado vale do Sever dominando as duas margens deste rio nas imediações do Tejo. Destes monumentos apenas possuímos espólio proveniente da anta do Padre Santo e da Lomba da Barca. Os materiais de qualquer destas duas antas, ainda que reduzido em número, apresenta um acabamento mais cuidado do que o recolhido noutros monumentos de menores dimensões da mesma região, podendo indiciar um prestígio acrescido nos que aí foram tumulados. Enquanto que os esteios dos pequenos sepulcros pouco emergem da linha de terra, tendo o seu espaço funcional sido escavado no solo, o espaço funerário dos de maiores dimensões eleva-se acima desta linha, encontrando-se apenas os esteios fundados no solão de base. Se nos monumentos como Lomba da Barca, Salgueirinha ou Terra Caída I, a mamoa, ainda que hoje muito destruída, parece ter sido obtida por compacta carapaça de blocos de xisto imbricados que se desenvolveria por uma área circular cujo raio é ligeiramente superior ao comprimento do corredor, nos monumentos de menores dimensões os restos de mamoa ainda presentes parecem testemunhar a existência de uma muito pequena colina tumular. Em qualquer dos casos a identificação do monumento na paisagem foi preocupação dos seus construtores. Para além de ocuparem sempre locais bem visíveis no espaço, procurando as linhas de fecho, as mamoas foram revestidas por blocos de quartzo filoniano, alguns de grandes dimensões. O número destes blocos junto da maioria dos monumentos permite-nos pensar num revestimento completo de toda a mamoa com pedra branca. Noutras sepulturas, como a da Lomba da Barca, Falquetões, Vale Muchacho ou Alfinetes, sempre implantadas em locais de grande visibilidade, as mamoas, para além de comportarem lajes de xisto e blocos de quartzo, teriam sido decoradas com calhaus rolados de cor clara. Esta clara eleição de locais altos para a construção dos sepulcros poderá não ser somente justificada na procura de locais estáveis, atendendo aos elevados declives que caracterizam esta região. Para além de nitidamente demarcarem um amplo território visual, elas ladeiam os caminhos tradicionais nesta região. Claros exemplos disto eram a cerca de dezena e meia de sepulturas que ladeavam o chamado Caminho da Foz, na margem portuguesa ou os que nas imediações da Carretera da Loma de Mayamao e do Camino de Herrera são ainda hoje visíveis. A procura de locais bem elevados para a implantação de monumentos está também bem demonstrada pela construção do marco geodésico de Cerro de Valongo sobre o monumento da Cruz de la Mujer I, ou o depósito de água da Casa de la Majada Alta, ambos em Cedillo, também construído sobre uma sepultura.

Na margem portuguesa o marco geodésico do Feijó parece ter destruído outro monumento, atendendo à quantidade de blocos de quartzo e fragmentos de xisto que nas suas imediações ainda se conservam. Verifica-se, portanto, que os construtores dos túmulos da zona dos xistos procuraram implantá-los em locais dominantes na paisagem, enriquecendo a sua visibilidade com a utilização de blocos líticos claros. Nestes grupos que formam prováveis necrópoles, um a dois monumentos de maiores dimensões ocupam o topo da linha de cumeada, podendo indiciar alguma hierarquia entre os tumulados, ou algum afastamento cronológico entre a construção dos sepulcros. Embora o espólio recolhido nos monumentos por nós escavados seja reduzido e na sua maioria muito afetado pelas subsolagens para a plantação de eucaliptos, constatámos que os materiais identificados concentravam-se, essencialmente, no interior das câmaras. O escasso espólio que nos corredores se recolheu terá sido para aí arrastado em épocas posteriores, como é o caso dos materiais identificados no corredor da Anta da Fonte da Pipa. Neste monumento verificou-se que uma profunda vala aberta pelas máquinas de subsolagem rasgou longitudinalmente o sepulcro no sentido da câmara para o corredor, arrastando fragmentos de um esteio que se unia ao de cabeceira, para junto da entrada do monumento. Terá sido nesse movimento de terras que algum espólio se depositou na área do corredor. Se a maior parte deste monumento foi irremediavelmente afetado pelas máquinas, alguns locais conseguiram escapar à sua ação. No nível mais profundo, à entrada da câmara, sobre o solão de argila, em terras que, pela sua consistência e coloração, pareciam não ter sofrido maiores revolvimentos dos que a pressão do peso das máquinas podem provocar, identificámos uma placa de arenito fraturada no local que, pelo seu posicionamento em relação à estrutura tumular, parecia ocupar um espaço privilegiado. Restos de pintura a ocre eram visíveis na placa e nas suas imediações. Vários calhaus rolados de dimensões variadas, alguns também ligeiramente polvilhados de vermelho, pareciam pavimentar o local onde a placa havia sido depositada. A sua localização à entrada da câmara, colocada sobre blocos rolados de quartzito decorados com ocre, parece obedecer a alguma encenação ritual cujo significado por agora nos escapa. Outro fragmento de placa de arenito, também com vestígios de ocre, foi recolhido neste monumento por entre as raízes da oliveira que cresce no interior da câmara. O elevado grau de fratura e o seu posicionamento em terras muito húmidas não nos permite compreender o seu contexto. Na verdade, apenas possuímos um testemunho da deposição original de uma placa de arenito nos monumentos de xisto, contudo, este documento encontra paralelos na posição sempre privilegiada em que se têm invariavelmente encontrado as placas de arenito, grés, ou micaxisto, decoradas ou não, no interior dos monumentos de granito. Nas mamoadas dos monumentos de xisto, tal como nas dos de granito, é frequente recolherem-se materiais arqueológicos, sendo a sua frequência proporcional à quantidade de espólio recolhido no interior dos espaços funerários. Moinhos manuais (dormentes e moventes) e percutores esferóides de quartzo ou quartzito são os materiais até agora recolhidos nas mamoadas dos monumentos por nós escavados. Invariavelmente, os moinhos manuais, tanto o elemento fixo, como o elemento móvel, apresentam-se maioritariamente fraturados. Estas fraturas, como noutra local já o dissemos, não parecem ser obra do acaso. Se na verdade é frequente identificarem-se nos habitats neolíticos e calcolíticos elementos fixos de moinhos com fraturas no contorno causadas pela continuada utilização ou por acidentes, a presença maioritária de moinhos fraturados em monumentos funerários parece não ser obra do acaso. Mais estranha se torna esta situação quando se trata dos elementos móveis fraturados. As reduzidas dimensões e forma geralmente arredondada dos dormentes, obtidos de rochas duras, dificilmente, por acidente, se fraturariam pelo meio. Esta ocorrência está presente em monumentos de ambas as margens. Na anta do Lindon de Campête e na da Fuente de La Vaquera recolhemos, invariavelmente, moinhos fraturados. Numa casa particular de Cedillo pudemos ver, também, diversos materiais recolhidos nas imediações de sepulturas megalíticas. Entre esse espólio contavam-se quatro elementos de mós, fraturados.

Parece, assim, que estamos em presença de um ato intencional, generalizado e provavelmente simbólico de fratura de elementos de mós, que tanto ocorre em monumentos da zona dos xistos, como na dos granitos. Tal como se verifica nos monumentos da zona dos granitos, também as mamoadas das pequenas antas da foz do Sever parecem não ter servido unicamente para consolidação da câmara funerária. A presença de espólios, ainda que em número reduzido na área das mamoadas, e não todos provenientes, aparentemente, dos níveis de base, poderá estar relacionada com oferendas fúnebres ocorridas em movimentos de revisitação ou aí depositados ainda durante a época de utilização do monumento. Embora se desconheça a época destes depósitos, do que parece não haver dúvidas é que a presença de artefactos intencionalmente fraturados deverá estar carregada de grande significado simbólico. Muito mais poderíamos ainda adiantar no que se refere a estes interessantes monumentos funerários da foz do Sever, especialmente a sua relação direta com a denominada Arte do Vale do Tejo e respetivas cronologias, contudo, como o espaço que nos proporcionaram não nos permite ficarmos, por agora, por aqui.

BIBLIOGRAFIA

- BARATA, J. Pedro Martins (1965); O Menir da Meada, *Ethnos*, 4, Lisboa.
- BATISTA, J. e LEITÃO, M (1980); Um Monumento Dolménico nas Naves (Montalvão-Nisa), *Estudos de Castelo Branco*, nº5, Nova Série, Castelo Branco.
- CANINAS, J.C. Pires e HENRIQUES, F.J. (1985); Testemunhos do Neolítico e do Calcolítico no Concelho de Nisa, in *Actas das 1as. Jornadas de Arqueologia do Nordeste Alentejano*, Comissão Regional de Turismo e Câmara Municipal de Castelo de Vide, Portalegre.
- Idem, (1987); Megalitismo de Vila Velha de Ródão e Nisa, in *Arqueologia no Vale do Tejo*, I.P.P.C., Lisboa.
- CARVALHO, Joaquim (2000); O Menir do Castelo Velho, *Ibn Maruán*, nº 9/10, C.M. de Marvão / Ed. Colibri, Lisboa.
- COSTA, F.A. Pereira da (1868); *Monumentos Prehistoricos - Descrição de alguns Dolmens ou Antas de Portugal*, Typ. da Acad. Real das Ciências.
- DIAS, Ana Carvalho e OLIVEIRA, Jorge Manuel, (1981); *Monumentos Megalíticos do Concelho de Marvão*, Assembleia Distrital de Portalegre, Portalegre.
- DIEGUEZ LUENGO, Elias (1965); Nuevas Aportaciones a la prehistoria de Extremadura, *Zephyrus*, XVI, Universidad de Salamanca, Salamanca.
- Idem (1976); Los Dolmenes de Valencia de Alcántara, in *V Congreso de Estudios Extremeños*, Badajoz.
- HENRIQUES, F.J.R. e CANINAS, J.C.P. (1980); Contribuição para a carta arqueológica dos concelhos de Vila Velha de Ródão e Nisa, N.R.I.A. Vila Velha de Ródão.
- Idem (1986); Nova contribuição para a carta arqueológica dos concelhos de Vila Velha de Ródão e Nisa, N.R.I.A. Vila Velha de Ródão.
- HENRIQUES, F.J.R., CANINAS, J.C., CHAMBINO, Mário (1993); *Carta Arqueológica do Tejo Internacional*, Volume 3, A.E.A.T., V.V. de Ródão.
- HENRIQUES, F.J.R. e CANINAS, J.C.P. (1980); Contribuição para a carta arqueológica dos concelhos de Vila Velha de Ródão e Nisa, N.R.I.A. Vila Velha de Ródão.
- Idem (1986); Nova contribuição para a carta arqueológica dos concelhos de Vila Velha de Ródão e Nisa, N.R.I.A. Vila Velha de Ródão.
- LEISNER, George e Vera (1943); *Die Megalithgraber Iberischen Halbinsel: Der Suden*, Walter de Gruyter, Berlin.
- Idem, (1956); *Die Megalithgraber Iberischen Halbinsel Der Westen (1)*, Walther de Gruyter, Berlin.
- Idem, (1959); *Die Megalithgraber Iberischen Halbinsel Der Westen (2)*, Walther de Gruyter, Berlin.
- Idem, (1965); *Die Megalithgraber Iberischen Halbinsel Der Westen (3)*, Walter de Gruyter, Berlin.
- MONTEIRO, J. Pinho, e GOMES, Mário Varela (1977); Os Menires da Charneca do Vale do Sobral - Nisa, *Revista de Guimarães*, LXXXVII, Guimarães.
- MOTTA e MOURA, J. D. da Graça (1982); *Memória histórica da Notável Vila de Niza*, ed. fac-simile, INCM, Lisboa.
- OLIVEIRA, Jorge de (1985); O Menir da Água da Cuba - Marvão, *Actas das 1as. Jornadas de Arqueologia do Nordeste Alentejano*, Comissão Regional de Turismo e Câmara Municipal de Castelo de Vide, Portalegre.
- Idem (1986); *A Estela Decorada da Tapada da Moita*, Câmara Municipal de Castelo de Vide.
- Idem (1990); Aspectos do Megalitismo no Nordeste Alentejano in *Actas do 1º Encontro Regional de História*, Universidade de Évora, Évora.
- Idem (1993); *Conservação de Monumentos Megalíticos - Aspectos de uma problemática*, *Correio da Natureza*, nº 17, Serviço de Parques, Reservas e Conservação da Natureza, Lisboa.
- Idem (1993); O Rio Sever e as Fronteiras no 3º Milénio A.C., *Actas do Seminário Cooperação e Desenvolvimento Transfronteiriço*, C. M. de Vila Velha de Ródão.
- Idem (1995); A Recuperação do Menir da Meada - Castelo de Vide, *Ibn Maruán* nº 5, Câmara Municipal de Marvão.
- Idem (1996); Inventário dos Vestígios Arqueológicos do Parque Natural da Serra de S. Mamede, *Ibn Maruán* nº6, Câmara Municipal de Marvão. (em colaboração com António Bairinhas e Carmen Balesteros).
- Idem (1998); *Monumentos Megalíticos da Bacia Hidrográfica do Rio Sever*, Ed. Colibri, Lisboa.
- Idem (1993); *Sepulturas Megalíticas del Termino Municipal de Cedillo - Provincia de Cáceres*, Ayuntamiento de Cedillo, Cáceres.
- Idem (1993); *Conservação de Monumentos Megalíticos - Aspectos de uma problemática*, *Correio da Natureza*, nº17, Serviço de Parques, Reservas e Conservação da Natureza, Lisboa.
- Idem (1993); Reutilizações e Reaproveitamentos de Materiais em Sepulturas Megalíticas do Nordeste Alentejano, in *1º Congresso de Arqueologia Peninsular*, Actas I, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, Porto.
- Oliveira, Jorge de; Oliveira, Clara de (2000); Menires do Distrito de Portalegre, *Ibn Maruán*, nº 9/10, C.M. de Marvão / Ed. Colibri, Lisboa.
- RODRIGUES, M. da C. Monteiro (1975); *Carta Arqueológica do Concelho de Castelo de Vide*, Assembleia Distrital de Portalegre, Lisboa.